

O que podem os artistas contemporâneos trazer à fruição do património histórico?

21 de abril de 2022



Por Rebecca Hardy Wombell



Crédito: Anthony Harvie / Getty Images

A arte contemporânea tornou-se uma presença distintiva nos nossos sítios históricos. E por bons motivos. São projetos que interpretam, que inspiram e por vezes interpelam. Fazem manchetes de jornal e mudam as nossas perspetivas – seja o impressionante contraponto entre arte contemporânea e os objetos da coleção histórica de Chatsworth, ou as icónicas Papoilas caindo na Torre de Londres.

Organizações especializadas como a [Arts&Heritage](#) ou a [Trust New Art](#) , criadas para operacionalizar este tipo de intervenções, têm mais de uma década e o rol de arte contemporânea concebida para estes contextos em todo o setor é assinalável.

Mas ao refletirmos sobre o nossos orçamentos e objetivos para os próximos anos – o que nos motiva a continuar a investir em arte contemporânea? Quais os contributos concretos que os artistas contemporâneos trazem às exposições históricas?

Mapeando intervenções de arte contemporânea

Em 2017, investigadores da Universidade de Newcastle e da Universidade de Leeds iniciaram o projeto [Mapping Contemporary Art in the Heritage Experience](#) (MCAHE) para clarificar o impacto das intervenções de arte contemporânea. Sentiram que “apesar do forte apoio de grandes organizações, incluindo o National Trust e o ACE, o impacto real de tais projetos nos seus produtores e nos públicos é ainda mal compreendido”. Assim, ao longo de três anos, o MCAHE trabalhou para entender o impacto dos projetos de arte contemporânea na organização anfitriã, no artista e no público.

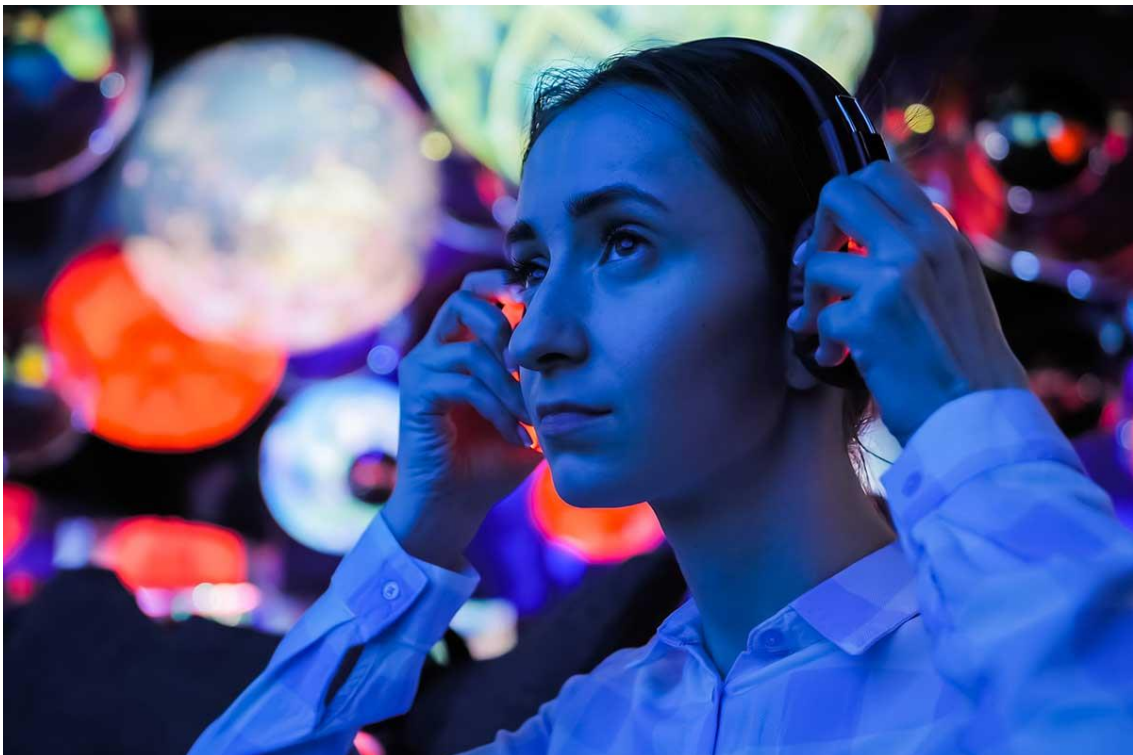
O MCAHE encomendou sete obras de arte para contextos patrimoniais no nordeste da Inglaterra, que resultaram em estudos de caso que fornecem informação significativa, desde os primeiros passos de briefagem do artista para a conceção do projeto até aos benefícios de longo prazo para as organizações anfitriãs. O projeto também mapeou a arte contemporânea em sítios patrimoniais em todo o Reino Unido e resultou numa exposição e numa conferência.

Os investigadores concluíram que as comissões foram transformadoras para todos os envolvidos. Para os artistas, os projetos apresentaram desafios estimulantes para o desenvolvimento das suas práticas e proporcionaram a abertura de novos caminhos nas suas carreiras. Para o público local, estes projetos propuseram narrativas emocionalmente envolventes, atraindo novos públicos aos locais. “Apresentar as histórias de forma diferente e mais viva aumenta o conhecimento e estimula a investigação”, dizem os anfitriões. “Os artistas podem desempenhar um papel significativo e importante para a revelação e exploração de novos modos criativos de apresentação”.

A pesquisa destaca a necessidade de construção de uma relação de cumplicidade entre a organização e o artista. A adesão das equipas em todos os níveis da organização é vital, abraçando o processo criativo e trabalhando em estreita colaboração com o artista.

O potencial dessa colaboração é impressionante. [O relatório continua:](#) “A pesquisa do MCAHE revelou áreas onde a alteração de práticas e a revisão dos processos de comissariado podem dar voz a histórias ocultas e a narrativas até então silenciadas permitindo: a) contar diferentes histórias associadas ao património cultural; b) dar oportunidades a um leque diversificado de artistas, incluindo grupos marginalizados.”.

Vejamos alguns projetos que consideram essas histórias escondidas, perdidas ou esquecidas.



Arte contemporânea para interação

A encomenda feita a Clare Twomey pelo Brontë Parsonage Museum exigia que o público reescrevesse a história.

Este projeto inspirou-se em *Wuthering Heights* – e no seu manuscrito há muito perdido. Twomey convidou os visitantes a criarem um novo manuscrito do romance, pedindo a cada um para escrever à mão uma linha do texto. 10.000

participantes com idades entre os 6 e os 90 anos deram corpo ao manuscrito, e a linha de encerramento foi escrita por Sua Alteza Real a Duquesa da Cornualha.

“Cada participante será presenteado com um lápis, encomendado pelo artista, como ferramenta para escrever mais.” [o museu comenta](#) : “Clare Twomey espera que o ato de se sentar à mesa na casa onde Emily escreveu o seu romance, segurar um lápis e escrever, promova uma melhor compreensão de Emily e da sua determinação em criar o único trabalho publicado da sua vida. ”

Artistas como investigadores: inspeção controlada

[Bummock: Artists in Archives](#) é um projeto liderado pelos artistas Danica Maier e Andrew Bracey.

A designação 'Bummock' refere-se à parte do iceberg escondida no fundo do mar – e o trabalho de Bracey e Maier usa as partes invisíveis dos arquivos como inspiração para criar peças contemporâneas.

Através de projetos nos Lace Archives da Nottingham Trent University e no Tennyson Research Center em Lincoln, a dupla de artistas criou um roteiro para desenvolver relações com organizações patrimoniais. A sua 'inspeção controlada' assenta na confiança e compreensão mútuas entre o arquivista responsável e os artistas. A metodologia da 'inspeção controlada' corresponde a uma abordagem intuitiva à pesquisa, que consiste em passar tempo físico no arquivo para observar, discutir e explorar.

“O arquivista participa ativamente nesse método, usando o seu conhecimento especializado para ajudar a identificar dicas, ou pontos chave conhecidos, e o que pode ser considerado como “recife imerso” do seu arquivo.” Os artistas referem no seu livro 'Bummock: Tennyson Research Centre': “Embora o acesso direto a arquivos e coleções possa ser considerado um risco pelos arquivistas e conservadores das coleções, é possível superar esse obstáculo através de um processo de discussão e construção de confiança com os artistas investigadores.”

Estes projetos resultaram em Exposições-Laboratório, bem como em Simpósios, textos e um documentário. As exposições também circularam, incluindo algumas peças dos arquivos, levando essas Coleções a novos públicos.

Prisioneiros sobre Prisioneiros – Contrapontos contemporâneos

[O projeto Prisoners on Prisoners](#), de Faye Claridge, lança luz sobre as experiências de mulheres prisioneiras através de registos de prisões vitorianas, combinados com narrativas de mulheres que hoje se encontram presas. Claridge pediu a cada participante da HM Askham Grange para 'adotar' uma das personagens retiradas dos livros de registo do Museu Ripon. A exposição resultante apresentou os seus comentários e reações a esses personagens históricos através de uma instalação vídeo e de uma estampa em tecido de grande escala. Estes objetos artísticos partilharam as reflexões das detidas sobre as suas próprias experiências dentro do sistema de justiça, comparando-as com as das suas contrapartes adotadas, bem como a sua visão sobre a experiência enquanto mulheres prisioneiras.

[Ouça aqui algumas das gravações.](#)

Arte contemporânea para contar histórias

Na [Conferência MCAHE](#), John Orna-Ornstein, Diretor de Cultura e Participação do National Trust, defendeu a importância das intervenções contemporâneas dizendo: “o que é vital para mim é abordar as nossas histórias de maneiras diferentes, começando a contar muito mais histórias”. O poder de contar histórias tem um enorme potencial para os museus. É evidente que a arte contemporânea não só contribui para tornar as nossas leituras das obras mais acessíveis e sentidas, como pode revelar histórias perdidas ou esquecidas, enriquecendo o nosso conhecimento e criando ligações significativas com o nosso público.